



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

PELOS BECOS DE ANINHA

THROUGH THE ANINHA'S ALLEYS

Giovana do Carmo Gonçalves Guimarães¹
José Elias Pinheiro Neto²

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é pesquisar as representações dos modos de vida, os valores e as crenças na poesia de Cora Coralina, uma mulher de fibra e coragem que venceu preconceitos fazendo uso de sua literatura como resistência. Essa literatura, por sua vez, aproxima-se de elementos da realidade ao descrever a marginalização e analisar os becos e suas histórias, representadas pela autora em forma de denúncia. A investigação parte da reconstrução do passado de Cora Coralina, descrita pela poeta nesta “relação dialógica com o Outro” (CANDAU, 2019, p. 9), que nos permite reconhecer, em indivíduos como prostitutas, meninos lenheiros e lavadeiras, o distanciamento social que lhes fora imposto. O beco se torna o refúgio de personagens que têm seu direito de existir e de desejar aniquilado. Partindo-se de discussões teóricas, esta pesquisa tem sua base na descrição qualitativa em relação ao beco, que é o objeto de estudo. Serão levantados elementos da estrutura social, memória e resistência, assim como a relação entre o eu lírico e personagens neste espaço ficcional. É uma pesquisa de caráter bibliográfico, em que são destacados alguns autores, como: Candau (2019), Coralina (2001; 2003; 2006; 2014), Pesavento (1999), Nora (1993), Manuel Bandeira (1996) e Evaristo (2006).

Palavras-chave: Beco. Literatura feminina. Resistência.

ABSTRACT:

The aim of this work is to research the representations of ways of life, values and beliefs in the poetry of Cora Coralina, a woman of fiber and courage who overcame prejudgements using her literature as resistance. This literature, in turn, approaches elements of reality by describing marginalization and analyzing the alleys and their stories, represented by the author in the form of a complaint. The investigation starts from the reconstruction of Cora Coralina's past, described by the poet in this “dialogical relationship with the Other” (CANDAU, 2019, p. 9), which allows us to recognize, in individuals such as prostitutes, woodworkers and washerwomen, the social distance that had been imposed on them. The alley becomes the refuge of characters who have their right to exist and to desire annihilated. Starting from theoretical discussions, this research is based on the qualitative description in relation to the alley, which is the object of study. Elements of social structure, memory and resistance will be raised, as well as the relationship between the lyrical self and characters in this fictional space. It is a bibliographic research, in which some authors are highlighted,

1 Professora da Rede Estadual de Educação de Goiás (SEDUCE-GO). Mestranda em andamento no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina (POSLLI/UEG). E-mail: giovana_prof@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9263-6708>

2 Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Docente na Universidade Estadual de Goiás (Itapuranga, Goiás, Brasil) e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade, Goiás, GO, Brasil. joseeliaspinheiro@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-9574-6451>.



such as: Candau (2019), Coralina (2001; 2003; 2006; 2014), Pesavento (1999), Nora (1993), Manuel Bandeira (1996) and Evaristo (2006).

Key words: Alley. Female literature. Resistance.

Introdução

Anna Lins do Guimarães Peixoto Bretas, Cora Coralina, nasceu na Cidade de Goiás-GO (1889-1985) e transporta uma escrita de vivência no poema *Becos de Goiás*, em que os versos representam a recriação de uma vida em diversas passagens, tomando a dimensão do beco para interpretar a vida em sociedade. A longevidade da autora contribuiu para que sua obra retratasse seres marginalizados, elementos que, em conjunto, possibilitam reorganizar as relações entre gêneros, classes, gerações e disputas pelo poder, bem como as representações dos modos de vida, valores e crenças. O poema apresenta cenários que descrevem a situação de marginalização e permitem a análise dos becos e de suas histórias, representadas pela autora em forma de denúncia, aproximando-se de elementos da realidade.

Este artigo analisa as interconexões entre a exteriorização de uma mulher que rompe com as barreiras do tempo e do preconceito, por meio da realidade vivenciada nos becos, com uma representação do estreitamento das limitações impostas pela vida. A escrita, muito individual, traz a visão do beco sob uma ótica de fragmentos e de indivíduos anônimos, mostrando aflições, dores e dificuldades de sobreviver em uma sociedade predominantemente preconceituosa, racista e machista.

Para essa análise, serão demonstradas personagens, tais como a prostituta, as lavadeiras, os meninos lenheiros e também os becos. Cora Coralina descreve essas personagens dentro de um universo de mulheres em condições desfavoráveis, narrando “a pobreza em toda volta, a luta obscura de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho, fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar, aceso sempre o forno de barro. As quitandas da salvação [...]” (CORALINA, 2001, p. 33). Neste contexto, transpõe-se para a literatura uma tensão intrínseca ao cotidiano daqueles que estão permanentemente submetidos à violência em suas múltiplas faces.



Dessa forma, buscou-se um estudo sobre a escrita do cotidiano nos apontamentos de Aninha, que está embasada em uma memória carregada de significados, captada e reconstruída em muito de sua poética, demonstrando a afetividade e a percepção crítica dentro de um contexto lírico no espaço do beco e da “Casa Velha da Ponte”. O beco, além de ruas estreitas e sombrias, está representado no imaginário de uma comunidade, e a poeta enxerga cada personalidade, escrevendo textos que a demonstram. O beco nada seria sem suas personagens – que dão animação à sua escrita de vivência – e lembra o ócio, mas também um esconderijo, um local seguro onde são embalados tanto sonhos quanto angústias.

O beco na poética de Cora Coralina

O beco é um espaço resultado do modo arquitetônico de como o traçado das ruas é feito sobre a descrição de uma determinada região em que a cidade se desenvolve. Deste modo, os vários ambientes qualificados como becos, descritos na literatura, na imprensa ou nos documentos oficiais, parecem partilhar de algumas características comuns: são vias secundárias, geralmente mais estreitas que as ruas principais, e estão localizados na área central da cidade, na periferia ou sobre encostas. Estão frequentemente associados à pobreza, à insalubridade e ao crime, criando, no imaginário urbano, a sensação de locais “malditos”. Os becos são retratos de infâncias vividas em diversas situações, e muitos deles são considerados espaços fechados e condenados moralmente. Pode-se entender, de acordo com Pesavento (1999), que:

Na nomenclatura dos espaços malditos, a linguagem da discriminação delimita estes territórios urbanos em duas instâncias: a dos ‘lugares de enclave’, que os situa interpenetrados e lado a lado, com espaços da ‘cidade da ordem’ e o dos ‘lugares da exclusão’, que marcam uma espécie de cinturão pobre (e predominantemente negro) em torno da ‘verdadeira’ cidade (PESAVENTO, 1999, p. 3).

Na geografia urbana, tem-se a visão de que os becos revelam detalhes de como as construções destinadas à habitação e aos espaços urbanos foram feitos e utilizados, desvelando-se também sua história social, cultural e econômica. Esse fator oferece uma janela para a história da



cidade, trazendo uma melhor compreensão deste espaço fixo, mas ao mesmo tempo fluído, um “sentimento de continuidade [que] torna-se residual aos locais” (NORA, 1993, p. 7). O sentir contínuo daquilo que sobra no imaginário do lugar, do que o beco pode oferecer a quem simplesmente passa por ele ou a quem se prende em sua memória, faz dele um local cheio de significados.

A arte descreve o beco, e ele pode ser encontrado também em músicas nas quais estes locais urbanos são descritos, como a descrição de marginalização feita pela banda “Os Paralamas do Sucesso”:

O Beco

(Ribeiro/Vianna)

No beco escuro explode a violência
Eu tava preparado
Descobri mil maneiras de dizer o seu nome
Com amor, ódio, urgência
Ou como se não fosse nada

No beco escuro explode a violência
Eu tava acordado
Ruínas de igrejas, seitas sem nome
Paixão, insônia, doença
Liberdade vigiada

No beco escuro explode a violência
No meio da madrugada
Com amor, ódio, urgência
Ou como se não fosse nada

Mas nada perturba o meu sono pesado
Nada levanta aquele corpo jogado
Nada atrapalha aquele bar ali na esquina
Aquele fila de cinema
Nada mais me deixa chocado
Nada!

A letra descreve ruas escuras e violentas, correlacionando um alto índice de criminalidade a um grupo social marginalizado que segue seu cotidiano.



A escrita sobre os becos navega pelos gêneros masculino e feminino, pois, tanto mulheres quanto homens, narram esse local de memórias, cada um ao seu modo. Manuel Bandeira (1996) escreve a respeito da importância do posto de observação do poeta, da sua condição de olhar e da valorização das coisas e, de acordo com o autor, para o poeta, não existe relevância se a imagem é bela ou disforme. O beco, mesmo que não corresponda aos símbolos de um cartão postal e se resuma à circunstância estreita, suja e melancólica, é o ponto que permite ver, criar, transcender poeticamente o espaço, descortinando elementos importantes tanto na amplitude quanto na estreiteza: “Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte? – O que vejo é o beco” (BANDEIRA, 1996, p. 228).

Apesar de um visível ar de desânimo com a paisagem vista pela janela, esse aspecto vai além do que é visível, para o íntimo do cotidiano das pessoas. Porém, a visão mórbida do beco que lhe é apresentado é esquecida quando este se põe como elemento de observação e sua vida cotidiana é poetizada, havendo um contraste entre o que o beco oferece pela janela e a beleza do cenário. Pode-se constatar essa ideia em “Última canção do beco”, um poema descrito em uma carta para Mário de Andrade, na obra organizada por Marco Antonio de Moraes. Nesta, Manoel Bandeira conta sua mudança da Lapa para a praia do Flamengo.

Última canção do Beco

Beco que cantei num dístico
Cheio de elipses mentais,
Becos das minhas tristezas,
Das minhas perplexidades
(mas também de meus amores,
Dos meus beijos, dos meus sonhos)

[...]

Becos das sarças de fogo,
De paixões sem amanhã,
Quanta luz mediterrânea
No esplendor da adolescência
Não recolheu nestas pedras



II SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS
SABERES E FAZERES LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E INTERCULTURAIS
EM TEMPOS DIGITAIS
08 a 12 de novembro de 2021

Univ. Estadual de Goiás    

O orvalho das madrugadas,
A pureza das manhãs!

Beco das minhas tristezas!
Não me envergonharei de ti?
Fostes ruas de mulheres?
Todas são filhas de Deus!
Dantes foram carmelitas...
E eras só de pobres quando,
Pobre, vim morar aqui.

[...]

Beco que nasceste à sombra
De paredes conventuais,
És como a vida, que é santa.
Pesa de todas as quedas.
Por isso te amei constante
E canto para dizer-te
Adeus para nunca mais!

(MORAIS, 2000, p. 660).

O eu lírico de Manuel Bandeira, apesar de sentir as tristezas e as perplexidades descritas, quando o lado sujo do beco é mencionado, segue em um jogo de opostos: enquanto, de um lado, mostra a morbidade do beco, do outro lado sugere o lado bom, onde amores, beijos e sonhos são possíveis dentro do fluído das suas personagens. Esses becos também fazem referência ao movimento de pessoas que vêm e vão, e suas personagens vão vivendo ali suas histórias, deixando um pouco de si e levando um pouco de tudo que foi possível ser vivido ou sonhado. É uma mistura de grito e silêncio, do quarto e da rua. O beco, na visão de Bandeira, retém o poder de significação ao mesmo tempo de “dentro” e de “fora”, nunca representando apenas um espaço, mas a tensão entre estes.

Ressalta-se, também, *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, obra na qual a escritora pensa a favela como um lugar possível de ter o refúgio da memória, mas que hoje é apenas uma memória desprendida de realidade, sendo retratada e narrada por ela na sua escrevivência. Assim, afirma a escritora, nas primeiras páginas, em uma “conversa” com o leitor: “em Becos da memória



aparece à ambiência de uma favela que não existe mais. A favela descrita em *Becos da memória acabou e acabou*” (EVARISTO, 2006, p. 9). Há um pensamento de finalização, mas se poderia pensar em uma favela associada a outras, já que se refere sempre às que são marcadas pela miséria e pela luta diária pela sobrevivência. A autora escreve que:

Esta favela que povoa as reminiscências da narradora de *Becos da memória* nada tem em comum com outras favelas, as contemporâneas, que provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções. Esta narrada pela autora perdura apenas nas memórias de seus antigos moradores após seu desmonte (EVARISTO, 2006, p. 9).

Há a reconstrução de uma memória com experiências e saberes em uma narrativa composta de vozes afrodescendentes que passeiam em cenários diferenciados. Os protagonistas deste romance vão desde a lavoura até a favela, num tempo e espaço marcados pelo sofrimento, mas também pela esperança. Ela se vê, narradora ou Maria Nova, porta-voz de alegrias e sofrimentos de um coletivo: “Homens, mulheres e crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (EVARISTO, 2006, p. 21). A autora experimenta uma sensação de comprometimento com a vida de seus semelhantes e expressa que se sentiria menos angustiada se partilhasse: “Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como?” (EVARISTO, 2006, p. 73). Narrar e mostrar, pela matéria narrável, experiências transformadoras que inquietam o presente era o caminho para a ideação de um novo futuro.

Nesse mesmo sentido, Cora Coralina insiste em seu próprio caminho, utilizando, em suas narrativas, os becos, as vielas da cidade e seus pensamentos para demonstrar suas vivências. Faz uso do seu direito de existir e de desejar, escrevendo sobre o que parece estar inequivocamente presente no seu cotidiano, o beco. Fala de si como Aninha, que resiste ao tempo e se reinventa no seu trágico viver.

Nesse ínterim, o beco se funde no imaginário e nas construções como um local úmido, obscuro, uma rua ou situação sem saída, onde pessoas vivem suas histórias. “O Beco de Vila Rica.



Por ser muito pobre e sujo contrário lhe assenta o nome. Se há de ser beco do sujo pobre seja mesmo da Vila Rica com toda sua pobreza” (CORALINA, 2003, p. 21), porém, tem seu caráter de acolhimento, de forma interativa e humana.

O beco pode ter várias fisionomias, ser sombrio e misterioso ou tranquilo e violento, uma vez que é a representação das personagens coralinas. Trata-se de uma metáfora, correlacionando-se, a todo momento, ao abrigo ou ao fundo do poço. Ele não é apenas uma rua estreita e, às vezes, sem saída: é também uma relação com a sociedade que, de tempo em tempo, o trata como refúgio ou como prisão. Compreende-se, portanto, o beco, no seu aspecto físico, mas principalmente no imaginário de sua comunidade e do indivíduo, sendo como o enxergam metaforicamente. Assim, as razões que o mantêm vivo no local fictício o reconstróem em um hipotético mundo cheio de significados.

Cora Coralina transforma em uma multiplicidade de vozes os modos de saber nascidos nos subúrbios, nos porões das antigas casas grandes, nos matagais, nas extintas lavouras, nos casebres, nas periferias, na casa Velha da Ponte, no Rio Vermelho, na cultura culinária e nos preconceitos em forma de representação literária. Austera e, ao mesmo tempo, uma menina frágil, “triste, nervosa e feia. Amarela, de rosto empalamado. De pernas moles, caindo à toa [...] tinha medo das estórias [...] caía à toa [...] e se levantava com seu próprio esforço” (CORALINA, 2014, p.168-169); mal amada, provocava risos nos colegas de escola. A poética de Cora Coralina, temerosa, carrega experiências vividas nas memórias da sua casa da ponte. A poeta escreve a dor em muitos “eus” e reconhece a dor do mundo dentro de si quando partilha dos mesmos sentimentos ao se expressar em seu poema “Todas as Vidas”:

Todas as vidas

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...



II SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS
SABERES E FAZERES LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E INTERCULTURAIS
EM TEMPOS DIGITAIS
08 a 12 de novembro de 2021

Univ. Estadual de Goiás
Univ. Estadual de Goiás
POSLI
Letras
Português/Inglês
UEG TV

Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim

a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Touca de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim

a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda preta.
Bem cacheada de picumã.

(CORALINA, 2014, p. 46).

Cora Coralina fala das mulheres esquecidas, silenciadas, oprimidas e marginalizadas e reestrutura a história oficial com as histórias de suas heroínas, numa memória coletiva vivida em *Poemas dos Becos de Goiás e histórias mais*. A poeta desenha, com o preto de sua caneta, muito daquilo que tentaram camuflar, e, nos becos, em seu papel branco e limpo, ganha significados reais em linhas traçadas sobre as vivências da autora.

A história dos becos narra uma sociedade amarrada por moldes vigentes, rotulada por uma coletividade que, ao adentrar na casa velha da ponte, não consegue sentir o cheiro do Rio Vermelho, ouvir a casa respondendo “Levanta pandorga”. Não se trata da simples matéria contida nas paredes e nos quintais, mas do imaginário, da recordação de memórias poéticas, “a falsa aparência de uma casa grande. Morada de gente envelhecida, injustiçada, incapaz de reagir, empobrecida, triste [...]



resguardando de olhar estranho e o desmazelo e a pobreza que se instalavam” (CORALINA, 2006, p. 11).

Quando se atém ao termo beco, se pode compreender que o signo remete a uma ideia de sujeira, lixo, ruas estreitas, úmidas, escuras, esquecidas. Ao se colocar nele suas personagens, nos aproximamos também da interpretação dessas personalidades enquanto lixos humanos, largados, forçados a ocupar as beiras ou as margens, e a não estarem no centro da sociedade. São essas pessoas de quem a poeta se recorda, como cita o soldado Carajá, um índio e soldado do Palácio do Conde do Arcos, que um dia se redescobriu e em um grito de liberdade e retornou às suas origens, após ser “despertado por um trovão se despe de suas roupas e da civilidade” (FIUZA, 2019, p. 1).

A poeta redige literariamente sobre o beco enquanto rio e, muitas vezes, esquecido. Cora Coralina (2014, p. 110) escreve também que o beco na Cidade de Goiás “compete a um beco genuíno. Esquecido e abandonado, no destino resumido dos becos, no desamor da gente a cidade”, mas amado por ela. O beco é a terra dela, que assim o descreve:

Becos de Goiás

Beco da minha terra...
Amo a tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
E semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
Calçando de ouro a sandália velha,
Jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
Descendo de quintais escusos
Sem pressa,
E sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
Na drincha de teus muros empenados,
E a plantinha desvalida, de caule mole
Que se defende, viceja e floresce
No agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros de lenha



II SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS

SABERES E FAZERES LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E INTERCULTURAIS
EM TEMPOS DIGITAIS

08 a 12 de novembro de 2021



Que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros
Secos, lanzudos, mal zelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,
No range-range das cangalhas.

E aquele menino lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
Pequeno para ser homem,
Forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura
Todo o errado de minha terra.

Becos da minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras...

Beco do Cisco
Beco do Cotovelo
Beco do Antônio Gomes.
Beco de Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco Vila Rica...

Conto a estória dos becos,
Dos becos da minha terra,
Suspeitos, mal-afamados
Onde família de conceito não passava.
“lugar de gentinha” – diziam virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos da mulher perdida,
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
Na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,



II SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS

SABERES E FAZERES LINGÜÍSTICOS, LITERÁRIOS E INTERCULTURAIS
EM TEMPOS DIGITAIS

08 a 12 de novembro de 2021



tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco.

Becos mal-assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, mortas horas...
Capitão-mor – alma penada,
Terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
Num cavalo ferrado,
Chispando fogo,
Descendo e subindo o beco,
Comandando o quadrado – feixe de varas ...
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
Perdidas,
Começavam em boas casas, depois,
Baixavam pra o beco.

Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico – era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia – brabeza-
Dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
Cabeça raspada à navalha,
Obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
Na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
Humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
Desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada à navalha,
Castigada a palmatória,
Capinando o largo,
Chorado. Golfando sangue.

(CORALINA, 2014, p. 92-95).



O beco está descrito com todas as personagens que atuam na memória da poeta, cada uma em sua particularidade, com seus sonhos e (des)amores, os versos-memórias de sua infância. Soube recolher dos atores de sua estória o sofrimento e, ao mesmo tempo, acalantados momentos vividos. Como as flores do monturo, não se sabe qual cheiro sobrepõe ao outro, o das flores ou o dos monturos, mas apenas se sabe que ambos têm sua essência.

Essas imagens combinadas no imaginário da poeta passam pelo tempo e se tornam poemas na voz de uma mulher marcada pela longevidade, voltada para a escrita de uma poesia memorialística, em cujos versos conta o amor pelos elementos errados de sua cidade: “Amo e canto com ternura todo o errado de minha terra” (CORALINA, 2014, p. 93).

Assim, muitas marcas vão sinalizando o espaço do beco, entre elas o passar inevitável do tempo, “na velhice dos muros de Goiás, o tempo planta avencas” (CORALINA, 2014, p. 98), e a sua importância para a poeta, “becos da minha terra... Válvulas coronárias da minha velha cidade” (p. 101). Mesmo com seus monturos, mostra sua vegetação resistente que “enflora sem o amparo de ninguém”, assim como seus nativos, que vivem suas vidas dentro deste espaço com a sua forma singular de ser “esquecido e abandonado, no destino resumido dos becos, no desamor da gente da cidade” (p. 110).

Em uma cidade conhecida pelo ouro e pela riqueza em seu desenvolvimento, a poeta descreve os excluídos, experiências sociais de denúncia, uma memória cheia de significados reconstruída em cada verso. Busca, também, para dentro de si, todas as vidas e, em um grito, ecoa cada uma delas em sua voz, personalidades que estão travadas na garganta desde a sua infância:

Minha infância

[...] Intimidada, diminuída. Incompreendida.
Atitudes impostas, falsas, contra deitas.
Repreensões ferinas, humilhantes.
E o medo de falar...
E a certeza de estar sempre errando...
Aprender a ficar calada.
Menina abobada, ouvindo sem responder.

Daí, no fim da minha vida,



Esta cinza que me cobre...
Este desejo obscuro, amargo, anárquico
De me esconder,
Mudar o ser, não ser,
Sumir, desaparecer
E reaparecer
Numa anônima criatura
Sem compromisso de classe, de família.

(CORALINA, 2014, p. 171).

Os muitos “eus” de uma vida vão ganhando formas em um cenário no hipotético eu lírico de Aninha e nesse lugar de memórias, “de uma reconstrução continuamente atualizada do passado” (CANDAU, 2019, p. 9), em que as vivências vão ganhando personagens. Essas pessoas mostram o modo de vida de um espaço tido como sombrio, mas que reflete a luminosidade de uma vida em que são condicionados: “vinde todos cantar, rimar em versos, bizarros coloridos, os becos de minha terra. Ao meio-dia desce sobre eles, vertical, um pincel de luz, rabiscando de ouro seu lixo pobre, criando rimas imprevistas nos seus monturos” (CORALINA, 2014, p. 110-111).

Considerações finais

Cora Coralina propiciou-nos reconhecer, em suas escritas, uma fonte lírica de conhecimento das relações histórico-sociais. Percebemos que, pela memória de Cora Coralina, a seu modo, ela retratou a sociedade em que viveu. Segundo Candau (2019, p. 15), “o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”. Por meio desse lembrar, descobrimos, em suas escritas, um rearranjo, no qual há a evidência de aspectos e personagens de um tempo e lugar condenados ao esquecimento. São vozes que denotam tristeza, escuridão, sombras dos humildes, desconhecidos e ignorados pelos casarões que estão de costas para os becos. Estes protagonizam o imaginário e fornecem elementos para uma diferenciada reflexão sobre o tempo e o espaço, um lugar à margem da sociedade que passa a ser visto como um local de sonhos, de expectativas, de mudança e de transformação.



A poeta, com o intuito de consentir um novo posicionamento crítico, insere os marginalizados em sua escrita. Isso se configura como uma poesia-resistência, uma forma simbólica de não sucumbir aos discursos dos dominantes. Definindo as características do beco a partir de seu cotidiano, da experiência de vida própria, bem como do olhar dos que ali habitaram, Cora Coralina descreve as hierarquias, o modo dominante e o tratamento preconceituoso e excludente direcionado àqueles marginalizados descritos em sua literatura.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. **Poesia Completa de Prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1996.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 7. ed. São Paulo: Global, 2001.

CORALINA, Cora. **Vila Boa de Goiás**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

CORALINA, Cora. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. 13. ed. São Paulo: Global, 2006.

CORALINA, Cora. **Poema dos Becos de Goiás e estórias mais**. 23. ed. São Paulo: Global, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FIUZA, Solange. **Cora Coralina e a ressignificação da história de Goiás**. Disponível em: <http://www.paginasmovimento.com.br/cora-coralina-cidade-de-go%C3%AAs.html>. Acesso em: 17 jul. 2020.

MORAIS, Marco Antonio (Org). **Correspondências** – Mario de Andrade & Manuel Bandeira. São Paulo: Edusp/IEB, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993

O BECO. Intérprete: Herbert Vianna. Compositores: B. Ribeiro e H. Vianna. *In.*: BORA, Bora. Intérpretes: Os Paralamas do Sucesso. Rio de Janeiro: EMI, 1988. 1 CD, faixa 1.



PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos: a cidade do “outro” no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, setembro 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BJNpPwDJnKb4dwb5N6WDQWx/?lang=pt>. Acesso em: 29 set. 2021.

RIO, João do; ANTELO, Raul (Org.). **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.